

Por uma amizade outra

Fernando F. Nicolazzi¹

Existe a camaradagem; possa existir a amizade!"

Zaratustra

Na introdução de seu *Para uma política da amizade*, Francisco Ortega informa o objetivo do livro, qual seja, fornecer “uma nova política da amizade, entendida como experimentação de novas formas de sociabilidade”, considerando a amizade um “exercício do político” e sabendo que, para tal tarefa, faz-se necessária “uma nova política da imaginação, um gosto pela experimentação e a criação de algo novo”. Assim, esta política outra, proposta por Ortega a partir de uma leitura bastante imaginativa de textos de Hannah Arendt, Jacques Derrida e Michel Foucault, procura conceber uma “alternativa à despolitização, ao esvaziamento do espaço público, característico da sociedade contemporânea”.

Estas poucas linhas citadas por si só já provocam uma sensação perturbadora. Como a amizade, relação pessoal e íntima, possibilitaria uma reflexão sobre a reconstituição do espaço público? De que forma ela pode ser pensada como um “exercício do político”? O que seria este político? E quem é Francisco Ortega?

“Nascido em 1967 em Madri, Espanha, é doutor em filosofia pela Universidade de Bielefeld (Alemanha) e professor visitante do Instituto de Medicina Social da UERJ”, como consta na “orelha” do livro. Mas talvez o mais importante seja salientar que Ortega é um dos mais criativos estudiosos da obra de Michel Foucault. O livro aqui apresentado é a segunda parte de uma trilogia anunciada, cujo primeiro volume traz o título *Amizade e Estética da Existência em Foucault*². Em ambos os casos, utiliza, sobretudo, a publicação francesa dos ditos e escritos de Foucault³, além de seus livros já conhecidos, principalmente os trabalhos produzidos a partir de 1976 (*O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*) quando, segundo Ortega, ocorreu um “deslocamento teórico no eixo do poder, que vai da analítica do poder às tecnologias do governo, permitindo, com isso, o surgimento de um si mesmo constituído esteticamente”⁴.

Francisco Ortega é fiel a Foucault. A voz deste, pronunciada num seminário do Collège de France, em 7 de janeiro de 1976, dizendo aos seus

¹ Graduação – História/UFPR

² ORTEGA, Francisco. *Amizade e Estética da Existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

³ FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*, 4 Vol. Paris: Gallimard, 1994. No Brasil, esta obra está sendo publicada incompleta, ainda que em 5 volumes, pela editora Forense Universitária.

⁴ *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 22.

ouvintes “... considero-os inteiramente livres para fazer, com o que eu digo, o que quiserem...”, certamente ecoou nos ouvidos daquele. E sua fidelidade é mais marcante, pois certamente Ortega leu (e ainda lê) Foucault da mesma forma com que este havia lido Nietzsche, utilizando-o mais que comentando-o, e prestando o único tributo válido a um pensamento como o de Nietzsche – assim como o de Foucault – ou seja, usando-o, deformando-o, fazendo-o gemer e protestar. Mas trata-se de uma fidelidade singular, esse tipo de relação que não rejeita a diferença e não sufoca a criatividade; Ortega leu os textos de Foucault não para pensar como ele pensou, mas a partir do que ele escreveu.

Para uma política da amizade é um ensaio de agradável leitura, desses que, inúmeras vezes, nos fazem parar, levantar a cabeça, e nos causam uma vertigem súbita quando percebemos estar pensando o até então impensável: a amizade como exercício do político.

Francisco Ortega entende o espaço público, depois de Arendt e Foucault, como o lugar da diferença, de um tipo de relação agonística entre indivíduos; único espaço possível para a constituição de uma subjetividade específica e diferenciada. Posiciona-se, assim, contra toda a filosofia que desconsidera a pluralidade e o conflito, que tenta homogeneizar o campo social através do uso comum da linguagem, como se coubesse à comunicação suprimir para sempre a diversidade, o dissenso, o próprio conflito.

O público, político por natureza, é, deste modo, o lugar da ação e não da mera expressão; onde o indivíduo, constituindo-se como sujeito, age e não apenas se comporta. É esta atividade social que dá sentido à experiência do indivíduo, que lhe possibilita experimentar sua própria história. E assim, “à pergunta ‘por que agir?’, só cabe uma resposta: simplesmente porque é um deleite, um prazer, um divertimento, pois agindo reproduzimos a condição fundamental de nossa existência humana”⁵. A amizade seria um estilo de vida, uma estética da existência, que permitiria a coexistência, pacífica embora conflituosa, das diferenças; identificada como uma certa “abertura para o outro”, desconstruiria as formas com as quais excluímos toda a alteridade e suprimimos as singularidades.

No cerne de suas reflexões sobre a amizade, Ortega dialoga tanto com Foucault quanto com Derrida. Deste último afirma que “a aporia, como experiência do impossível, seria o movimento efetuado pela sua escrita”⁶, ou seja, Derrida recusa a convergência para uma única alternativa, rejeita por completo a necessidade do consenso. Esta indecisão da aporia, ou melhor, esta impossibilidade de decidir por um pensamento homogêneo e universal, seria, aos olhos de Ortega, “*hiperpolitizante*”, pois se constituiria sempre de uma chance e de um risco; a conservação do conflito, não sua supressão.

⁵ *Para uma política da amizade*, p.41.

⁶ *Ibid.*, p. 54.

Ainda assim, não seria muito perigoso este pensamento fundado na idéia do conflito (vide a atual situação na Nigéria)? Contra a possibilidade da violência entre as diferenças não nos seria melhor escolher pelo conforto da semelhança? Evitando-se o risco não teríamos a chance de uma vida melhor? Ortega prefere aceitar este risco...

Justamente por conta deste risco, essa amizade proposta por ele “é uma amizade impossível, constitui a experiência mesma do impossível. Um impossível que não conduz à paralisia”⁷. De qualquer forma, um impossível desejável visto que está contido no real.

Relação de uma estranheza amigável, da diferença absoluta, a amizade seria uma alternativa interessante para sair do impasse social da modernidade; um contraponto à miséria do mundo que só reconhece o conflito enquanto combate bélico e que, considerando-a nociva, busca uma diversidade disciplinada. Lugar da crítica amistosa ao outro, não da tolerância indiferente; da gentileza do silêncio, não da hipocrisia elogiosa. Em suma, amizade como experiência da imaginação, como constituição da subjetividade, como sentido da vivência, como ética para a vida.

“Talvez um dia aprendamos a conviver com a imagem de um amigo que não aparece como nossa imagem especular, mas como algo radicalmente diferente e sejamos capazes de aceitar essa distância, essa diferença como condição da amizade. Isto, sem dúvida, suporia atravessar toda a história dos discursos da amizade e ter a coragem de se adentrar em uma *terra incognita*, de experimentar e criar novas imagens para definir nossa sociabilidade e exprimir nossos sentimentos”⁸.

Permitam-me, então, pensar esta amizade como algo possível, embora improvável – o que, no fundo, apenas altera os termos de Francisco Ortega, mantendo o sentido proposto. Uma improvável mas possível sociedade fundada na amizade como garantia das diferenças. Chamem de utopia se lhes convir, se for mais cômodo se contentar com o provável. Prefiro, depois da leitura deste livro, fundar minha existência e construir uma experiência sob o signo do *talvez*, esta não-palavra que não diz nada mas tudo possibilita...

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade. Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

⁷ *Para uma política da amizade*, p. 83.

⁸ *Ibid.*, p. 84.